



“COMO EU QUERIA VOLTAR AO TEMPO PRA A AULA COMEÇAR DE NOVO”: O CORDEL A CIGARRA E A FORMIGA NA SALA DE AULA.

Sandra de Queiroz RANGEL
sandra.rangel23@gmail.com - UFCG
Naelza de Araújo WANDERLEY
naelzanobrega@ig.com.br – UFCG

Desenvolver atividades que envolvam a leitura literária em sala de aula, especificamente a literatura de cordel, é compreender um pouco mais sobre o passado e sobre o presente de todos aqueles que tiveram sua infância embalada pelo recitar de versos que ecoam na memória de cada um.

(Naelza Wanderley)

Introdução

Nosso objetivo, neste artigo, é apresentar algumas considerações teóricas sobre a literatura de cordel, modalidade literária portadora de uma linguagem aparentemente simples, lúdica e ritmada, que poderá influenciar no encantamento inicial das crianças pela leitura literária, além de contribuir com o processo de formação de leitores. Logo, poderia ocupar um lugar privilegiado nas salas de aula do Ensino Fundamental 1 e ser abordada como literatura e não como mero pretexto para alfabetização, para obter informações ou qualquer outro ensinamento moral ou didático.

Além disso, apresentamos um recorte da vivência de leitura do cordel *A cigarra e a formiga*, de autoria do poeta Manoel Monteiro, tendo como sujeitos os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Deputado Tertuliano de Brito, do município de São João do Cariri - PB, realizada durante nossa pesquisa no Mestrado em Linguagem e Ensino, na Universidade Federal de Campina Grande – PB.

Quanto às reflexões acerca da literatura de cordel nordestina, recorreremos às considerações teóricas de Abreu (2004), Ayala (1997), Wanderley (2017) e Ribeiro (1987) e de Marinho e Pinheiro (2012) na discussão sobre o cordel e sua utilização no cotidiano escolar. Percebemos que as estratégias adotadas, por serem sistematizadas, planejadas, lúdicas, pautadas no diálogo e na leitura compartilhada, favoreceram o papel do leitor como receptor, bem como sua interação com o texto.





Literatura de cordel: “uma literatura revestida de aparente simplicidade”

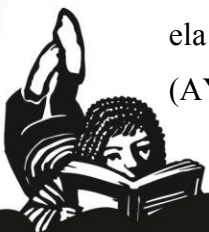
Ao discutir sobre a Literatura Oral, em livro intitulado *Literatura Oral no Brasil*, Luís da Câmara Cascudo (2006), assinala a existência de duas fontes que, segundo ele, são responsáveis por manterem viva a Literatura Oral. A primeira é de cunho exclusivamente oral, como as danças de roda, cantigas de ninar, aboios, emboladas, cantorias, adivinhações, lendas, etc.

A segunda fonte, por sua vez, corresponde ao que hoje denominamos de Literatura de Cordel, estando relacionada à reimpressão dos antigos livrinhos, vindos da Espanha ou de Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XIV, como por exemplo, *Donzela Teodora*, *Imperatriz Porcina*, *João de Calais*, *Carlos Magno e os Doze pares de França*, além de produção contemporânea pelos antigos processos de versificação popularizada, fixando temáticas da época, guerras, política, sátira, estória de animais, fábulas, ciclo do gado, caça, amores, incluindo a poetização de trechos de textos famosos tornados conhecidos, *Escrava Isaura*, *Romeu e Julieta*, ou mesmo criações no gênero sentimental, com o aproveitamento de cenas ou períodos de outros folhetos enqueridos em seu conjunto.

Assim como Cascudo, há anos que outros pesquisadores, folcloristas e poetas tem se dado o trabalho de definir o que é literatura de cordel e, na procura de uma definição concisa, há várias discussões. Percebemos, portanto, a complexidade em classificá-la. No entanto, também sabemos de sua caracterização a partir das considerações assinaladas por Wanderley (2017) em *A escrava Isaura: um romance em muitos versos*. Nesse texto, a autora compreende a literatura de cordel Nordestina como um fenômeno que,

[...] tem sua origem ligada às folhas volantes e aos vários manuscritos portugueses que percorreram essa região desde fins do século XVI, sofreu adaptações para se adequar ao novo ambiente e, na Região Nordeste, assume características bem peculiares. De temática diversificada, essa forma de literatura reflete basicamente a realidade social em que nasceu. A interação entre autores e leitores/ouvintes acontece, essencialmente, a partir de um processo de identificação que envolve vários fatores. Entre eles, podem ser citados a linguagem, a(s) temática(s) abordada(s), o fácil acesso aos textos, entre outros (WANDERLEY, 2017, p. 121-122).

A partir das colocações assinaladas pela autora, percebemos que o cordel, como um dos sistemas culturais predominantes do Nordeste brasileiro, assim como outras práticas culturais da literatura popular, se apresenta com um estilo próprio. Ayala(1997), por sua vez, afirma que ela “se nutre da mistura” ajustada ao que a autora chama de “processo de hibridização” (AYALA, 1997, p. 168). Esse processo, conforme Ayala, “talvez seja um dos componentes





VII ENLIJE

mais duradouros e mais característicos” da literatura popular, que se apresenta da seguinte maneira:

O sério se mesclando com o cômico; o sagrado com o profano; o oral com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outra; o que é transmitido através dos meios de comunicação, oral ou escrito (rádio, televisão, jornal) e, ainda, por meio de livros, pode vir a alimentar versos e narrativas populares orais ou escritos, sendo antes ajustados à sua poética. (AYALA, 1997, p. 168).

Nesse sentido, a mistura de elementos é um traço presente na poesia popular nordestina, e não se dá de maneira simples. Há todo um trabalho de transposição construído pelo poeta, cuja aclimatização “não se faz apenas pela paisagem, mas principalmente pela linguagem. As expressões utilizadas tanto pelo narrador, quanto pelos personagens, são brasileiros e nordestinos” (AYALA, 1997, p. 162). Sobre esse aspecto, Cascudo (2006, p. 34) afirma que: “Toda Literatura Oral se aclimata pela inclusão de elementos locais no enredo”.

Ayala (2010), em *ABC, folheto, romance ou verso: a literatura impressa que se quer oral*, retoma a discussão sobre a “literatura popular em versos nordestina impressa em folhetos” e afirma que esta cultura permanece viva, graças, sobretudo, aos leitores que a “guardam em sua memória e em seu corpo, dando-lhes vida com sua voz e canto”. (AYALA, 2010, p. 52).

Em relação à discussão sobre o público leitor da literatura de folhetos de “hoje”, Ayala afirma que devido ao “processo de resignificação” pelo qual o sistema editorial passou, os folhetos passaram a ser ajustados não mais ao seu fiel “público tradicional”, “que memorizou quando jovem os poemas narrativos de sua predileção e os conserva na memória”, público este “fundamentado na oralidade”, “que não se contenta em conhecer o texto; quer a voz do folheto” mas, ao “novo público escolarizado”, aos “interesses do mercado e a finalidades didáticas”, que se destina a “uma única faixa etária, a da literatura infantil ou, pior, reduzida a livro paradidático”. (AYALA, 2010, p. 69).

Contudo, apesar desses desafios apontados por Ayala, percebemos que há algumas semelhanças de elementos entre a literatura de cordel e a literatura infantil, construídos, sobretudo, pela linguagem. Acerca disso, Marinho e Pinheiro (2012, p. 49), em *O cordel no cotidiano escolar*, ressaltam que “Há, em muitos cordéis, traços como o predomínio da fantasia, inventividade ante às situações inesperadas/complexas, musicalidade expressiva, caráter fabular, marcas comuns à literatura para crianças”.

Assim, acreditamos que a leitura, tanto com a literatura de cordel quanto com a literatura infantil, se manifesta como uma prática das mais significativas para as crianças, (85) 3522-5224





VII ENLIJE

a natureza, sobretudo os animais, geralmente fazem parte do universo infantil. Poderiam, portanto, ocupar um lugar privilegiado nas salas de aulas, bibliotecas escolares e outros espaços da escola, pois, as duas modalidades literárias ampliam “o repertório infantil de convivência com os bichos”, além de contribuir decididamente com a formação de leitores (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 61).

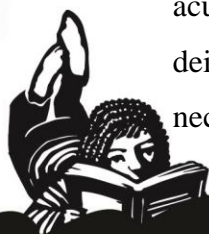
Desse modo, é válido observar as orientações dos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio na Paraíba (2006), um dos documentos parametrizadores para a Educação Básica brasileira que defende de modo bem específico a presença da literatura de cordel na escola:

[...] a literatura de cordel deve também ser estudada nesta etapa de ensino. Autores paraibanos importantes, como Leandro Gomes de Barros e poetas populares em geral, não necessariamente paraibanos, como Patativa do Assaré, podem compor o elenco de poetas populares a serem lidos. A partir de sua realidade, o professor poderá ler folhetos de poetas locais e até mesmo levar os estudantes a pesquisarem possíveis cordelistas de sua cidade (PARAÍBA, 2006, p. 84).

Nesse sentido, além dos poetas supracitados no referido documento, acrescentamos à lista o nome de Manoel Monteiro da Silva, como um dos poetas populares que desenvolveu um trabalho dos mais significativos no âmbito da literatura de cordel. O referido autor nasceu em Bezerros, PE, em 1937. Na adolescência, por volta da década de 50, mudou-se para a cidade de Campina Grande, onde residiu até 2014, ano de sua morte.

Dentre outras fábulas, o poeta Manoel Monteiro adaptou para o cordel *A cigarra e a formiga*, uma das narrativas atribuídas a Esopo, um dos mais referendados fabulistas clássicos do cânone ocidental. Nesse folheto, o poeta elabora uma nova versão, segundo as regras de composição de folhetos. Sobre esse aspecto, Abreu (2004, p. 202) destaca que “A alteração mais fundamental é a transposição da prosa para o verso, adaptando-se a narrativa à forma poética dos folhetos”, pois a versificação além de acomodar esse tipo de texto produzido no interior da cultura escrita da literatura de folhetos, permite sua compreensão e memorização por parte das comunidades nordestinas, podendo ser lidos oralmente ou cantados.

Assim, a versão do cordel supracitado, constitui-se uma adaptação do “texto-matriz”, mantendo-lhe o essencial, procurando promover o desembaraçar do enredo, embora haja alguns acréscimos e deslocamentos: a história de uma cigarra que vivia sempre muito alegre e cantando a despeito de tudo, enquanto sua amiga formiga trabalhava e economizava para acumular farturas em seu formigueiro. Até que um dia, a fome bateu a porta da cigarra, deixando-a faminta, desesperada, pede-lhe um pouco de pão a formiga para suprir suas necessidades. Ela ajuda-lhe, mas não abdica de dar-lhe uma lição de moral sobre o trabalho





VII ENLIJE

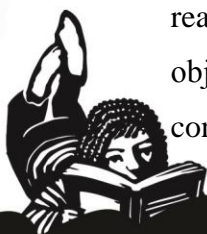
O enredo curto se desenvolve em apenas oito páginas e em dezessete setilhas, com estrutura de rimas ABCBDDDB, seguindo os padrões dos folhetos nordestinos tradicionais, reforçando, desse modo, o que defendeu Abreu (2006, p.70), ao afirmar que “o valor do poeta está na habilidade com que maneja essas regras, na destreza com que compõem e recompõem versos e narrativas calcadas em estruturas tradicionais”.

Nesse sentido, iremos apresentar, em seguida, um recorte da vivência de leitura do cordel *A cigarra e a formiga*, de autoria do poeta supracitado, tendo como sujeitos os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Deputado Tertuliano de Brito, do município de São João do Cariri - PB, realizada durante nossa pesquisa, durante o mês de maio e início de junho de 2017, no Mestrado em Linguagem e Ensino, na Universidade Federal de Campina Grande – PB.

“Como eu queria voltar no tempo pra a aula começar de novo”: *A cigarra e a formiga* na sala de aula

Em nossa experiência na sala de aula, desenvolvida com o público-alvo de 13(treze) alunos, com idade entre 9(nove) e 14(quatorze) anos, sendo 5(cinco) do sexo masculino e 8(oito) do sexo feminino, elaboramos uma sequência básica, de acordo com a proposta de Rildo Cosson (2006), em seu livro *Letramento literário: teoria e prática*. Acreditamos que essa metodologia dialoga com a Estética da Recepção e com o método recepcional, pois visa favorecer um momento de encontro efetivo do aluno/leitor com o texto literário, apoiado no debate, seja em forma oral ou escrita, permitindo que haja uma interação em sala de aula. A estratégia didática de ensino da literatura cossoniana, pautada no que o autor denomina de “letramento literário”, contempla as seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Apresentaremos de forma sucinta, em seguida, cada um desses momentos.

A “motivação” consiste em preparar o aluno para receber o texto. Esse primeiro passo explora a memória dos alunos. A “Introdução” corresponde a apresentação do autor e da obra. Esse momento é particularmente importante pois ocorre a primeira impressão e o levantamento de hipóteses que serão comprovadas ou recusadas depois de finalizada a leitura da obra. A “leitura” diz respeito à experiência única do encontro do leitor com o texto literário. A realização do acompanhamento da leitura é um momento essencial, afinal a escola tem o objetivo de incentivar a leitura e ensinar a ler. A “interpretação” é a etapa em que ocorre à construção do sentido do texto, que é estabelecido mediante um diálogo envolvente.





VII ENLIJE

leitor e a comunidade. Em outras palavras, é o momento do encontro do leitor com a obra. “Esse encontro é de caráter individual e compõe o núcleo da experiência da leitura literária” (COSSON, 2006, p. 65).

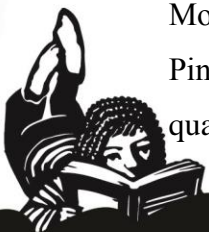
Salientamos que a utilização da sequência básica proposta por Cosson (2006), foi adaptada e desenvolvida de modo flexível, visando aguçar a imaginação, a criatividade, o senso-crítico e a preservação do caráter lúdico do jogo literário, através do debate, oral ou escrito. Logo, foram incorporadas atividades lúdicas, tais como: leitura oral; Ilustrações livres, representadas por meio de desenhos, recortes e colagens no diário de leitura, cujo recurso de registro foi utilizado individualmente para contribuir com a coleta de dados; e leitura em voz alta dramatizada, traduzida por Grazioli (2015), como “teatro da leitura”, modalidade de leitura na qual os alunos leem e preparam a apresentação de um texto, utilizando elementos da “performance” como vozes, expressão facial, corporal, interpretação e o texto.

Nessa perspectiva, uma vez apresentada a fundamentação teórica acerca da metodologia adotada para abordar o cordel em sala de aula durante a realização da pesquisa, passaremos a discorrer sobre o desenvolvimento da sequência básica planejada, na prática.

A primeira aula ocorreu no dia (30/05/17), durou cerca de uma hora e trinta minutos. Foi realizada, no primeiro momento, na biblioteca, onde havíamos montado, com antecedência, um ambiente acolhedor que remetesse à literatura de cordel nordestina, considerando que os alunos, em sua maioria, haviam afirmado, durante à etapa de sondagem, que não conheciam esse tipo de literatura. Iniciamos a aula conversando sobre o poeta Manoel Monteiro. Em seguida, apresentamos alguns slides com imagens de folhetos, de outros poetas populares, e de xilogravuras, acompanhados do cordel cantado Literatura de cordel, do cordelista paraibano Francisco Diniz. Expusemos vários cordéis de Manoel Monteiro para que os alunos pudessem manuseá-los.

Após esse contato inicial com a materialidade de uma parte significativa da obra de Manoel Monteiro, mais voltada para o público infantil, apresentamos um mural com fotos dos poetas locais, visando perceber se os alunos os conheciam. Falamos para a turma que havíamos convidado dois poetas locais para participarem do encontro de encerramento, no entanto, eles disseram que não poderiam, em virtude de estarem envolvidos nos eventos culturais, em João Pessoa, na divulgação dos seus trabalhos.

Em seguida, distribuímos um exemplar do folheto *A cigarra e as formigas*, de Manoel Monteiro, e os alunos, voluntariamente, se dispuseram a fazer a “leitura oral”. Para Marinho e Pinheiro (2012, p. 129), “a primeira e fundamental atividade deve ser a leitura oral” em toda e qualquer experiência de trabalho com o cordel na escola, haja vista que ele





VII ENLIJE

modo, enquanto mediadores, estimulamos que os alunos lessem, da forma como eles sabiam, para não inibi-los. Após a leitura realizada pelas crianças, encerramos a aula apresentando a nossa leitura, dando outra expressividade, pausas, entonação e ritmo ao poema. Sobre esse aspecto, Moura (2009, p. 68) ressalta que a “acentuação e a entonação possuem a capacidade de fazer com que o ouvinte não apenas escute o dito, mas possa também envolver-se e sentir prazer”.

Na aula seguinte, dia (31/05/17), realizada na “sala de aula”, iniciamos convidando os alunos para fazerem outra leitura do folheto. Achamos necessário repetir a leitura em virtude das sugestões metodológicas de Marinho e Pinheiro (2012, p. 129) apontarem que “diferentes e repetidas leituras em voz alta é que vão tornando o folheto uma experiência para o leitor”.

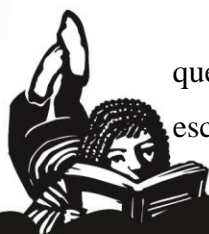
Quando questionamos aos alunos quem gostaria de dar início à leitura do folheto, a partir das gravações dos áudios, observamos que três deles logo responderam, ao mesmo tempo: Aluno 6: *Eu quero, tia!* Aluno 9: *Deixe eu ler, tia!*; Aluno 7: *Eu quero ser o narrador!*. A partir dessas reações, percebemos a motivação da turma em participar da leitura oral.

Nesse momento, destacamos que tivemos dificuldade na mediação porque alguns alunos falavam ao mesmo tempo, querendo participar, e ficaram impacientes, com dificuldade de querer ouvir e esperar pela leitura dos colegas. Mas, como a professora também ajudava na mediação da aula, ela chamou a atenção da turma sobre a necessidade de esperar um pouco. Após o comentário da professora, também reiteramos que ouvir os outros também é uma aprendizagem que precisamos desenvolver.

Realizadas as leituras, partimos para o segundo momento do encontro. Distribuímos uma espécie de folheto, que havíamos confeccionado antecipadamente, e propomos aos alunos que eles transcrevessem e ilustrassem, livremente, alguma parte da narrativa ou uma estrofe da sua preferência. “Ilustrar livremente uma narrativa ou parte delas” é uma atividade que pode ser desenvolvida em sala de aula, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 133).

Além disso, os autores ainda destacam sobre a facilidade do desenvolvimento dessa atividade: “Materiais e procedimentos é o próprio professor é que escolhe: uso de lápis de cor, de guache, aquarelas, entre outros. Também se pode com colagens com toda uma turma montando um amplo painel e utilizando diferentes materiais” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 133).

Durante o desenvolvimento da atividade de livre ilustração da narrativa, percebemos que mais da metade da turma optou entre a primeira e a última estrofe, sendo a primeira, a mais escolhida. Nessas passagens, o poeta, através da voz do narrador, apresenta o texto.





VII ENLIJE

narrativa, de modo sucinto, como se estivesse diante do seu leitor, estabelecendo uma espécie de vínculo e comunicação via oralidade.

Talvez este procedimento adotado por Manoel Monteiro, em que ele se utiliza da fala do narrador para chamar a atenção dos leitores, tenha sido um dos fatores chave em favorecer a recepção do texto pelos alunos, de uma maneira bastante atrativa, confirmando as ideias defendidas por Ribeiro (1987), de que essa marca evidencia o sucesso da literatura de cordel.

De fato, a partir da atividade supracitada, pudemos constatar que a conquista e a atenção das crianças durante a leitura dos versos do folheto não foi o caráter exemplar e moralista, diluído, ora através de algumas falas da formiga, ora nas falas do narrador, mas a proximidade do narrador com o destinatário, no caso, o leitor, ouvinte.

O encerramento da nossa experiência aconteceu no dia (04/06/17), cuja proposta objetivou a realização de um pequeno Sarau literário, que aconteceu no pátio da escola e contou com a participação de toda a comunidade escolar do turno da manhã. Na ocasião, tivemos espaço para apresentar as principais atividades realizadas pelos alunos durante a experiência, inclusive o “teatro da leitura” do cordel *A cigarra e a formiga*, de autoria de Manoel Monteiro.

Assinalamos que a apresentação do “teatro da Leitura”, realizada pelos alunos, foi muito prazeroso para eles. O Aluno 1, por exemplo, que representou a cigarra ria todas as vezes em que o Aluno 11, que representava a formiga, falava: *Boa tarde, cigarrinha/ Como é que vai a senhora?* O riso do aluno confirma a satisfação que a leitura lhe proporcionou. Isso porque o riso pode estar relacionado ao envolvimento e identificação das crianças com a história.

Assim sendo, podemos dizer que o Aluno 11 entrou no jogo da imaginação proposto pela leitura. De fato, dos três conceitos definidos por Jauss (1979), os que mais se verificam no trabalho com as crianças são a *poiesis* e a *katharsis*, já que, durante a realização da leitura, bem como em outros momentos durante a realização da nossa experiência, quando as crianças liam e reliam as estrofes do cordel, elas demonstravam identificação afetiva com os bichos retratados nas histórias.

Além disso, o encontro divulgou a literatura de cordel, compreendida como “uma produção cultural de grande valor e que precisa ser conhecida, preservada e cada vez mais integrada à experiência de vida de novas gerações” (MARINHO; PINHEIRO, 2012, 133). Propiciou uma ação interativa, em que leitores, ouvintes e textos puderam dialogar, e ainda, certamente pode ter contribuído com a formação das pessoas ali presentes. De acordo com Colomer (2007):





VII ENLIJE

É a partir deste valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir com a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da *sociabilidade* e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (COLOMER, 2007, p.31).

Sendo assim, é essencial repensar a educação literária numa ótica mais ampliada, conforme pontuou a autora, sobretudo, no que se refere às práticas de leituras, se desejamos proporcionar aos nossos alunos uma formação adequada enquanto leitores do texto literário desde os anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Considerações finais

Diante das considerações teóricas que apresentamos até aqui, compreendemos que o trabalho do poeta Manoel Monteiro ao reinventar a fábula *A cigarra e a formiga*, é dos mais significativos, cuja estrutura, embora se apresente de forma aparentemente singela e ostente um caráter pedagógico ou moralista, é rico em inventividade, pois traz marcas comuns ao universo infantil, evidenciadas pela opção de uma linguagem ritmada, afetiva e marcada pela oralidade. Tais características, somadas à nossa afinidade com a cultura popular de origem oral, justificam nossa escolha da obra para contemplá-la na nossa pesquisa.

Pensar a figura de Manoel Monteiro no contexto da produção de folhetos de cordel para crianças leva-nos a reconhecer a importância do seu trabalho, tanto no que diz respeito à quantidade quanto nos aspectos inerentes à qualidade de seus folhetos. Em relação à quantidade, observamos uma obra considerável para o público infantil – além de *A cigarra e a formiga*, são várias adaptações de fábulas, contos de fadas e outras narrativas populares: *O coelho e o leão*, *A história do rei, do rato, do gato*, *A gata borralheira*, *O gato de botas*, *Chapeuzinho vermelho*, *Pinóquio*, etc. A qualidade, por sua vez, talvez seja o elemento decisivo para a permanência dessa vasta obra que, somente por sua extensão, já constituiria um marco na literatura de cordel.

Observando como se desenvolveu a sequência básica, constatamos que a experiência com a leitura do folheto *A cigarra e a formiga*, mostrou-nos que é possível, no ensino da literatura de cordel, que haja uma recepção exitosa, para tanto, atribuímos a participação dos alunos durante as aulas, às escolhas teóricas e das estratégias metodológicas adotadas, que colocaram os alunos/leitores e ouvintes como elemento central na construção dos sentidos do texto.





VII ENLIJE

Além disso, outro aspecto que favoreceu a recepção lúdica por parte dos alunos consiste no fato de que a maioria deles se identificou com os textos, isso porque, conforme assinalou Compagnon (2006, p. 143), e outros teóricos da Estética da Recepção, “A leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação”. Logo, é de suma importância a presença dos folhetos de cordel de Manoel Monteiro, e de outros poetas populares que também fazem esse trabalho de divulgação da literatura de cordel nas escolas, pois sua leitura se manifesta num importante meio potencializador de experiências leitoras. Para tanto, é necessário buscar estratégias didáticas sistematizadas, planejadas, lúdicas e uma adequada escolarização.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Então se forma a história bonita: relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 10, n. 22. 2004. p. 199 – 218.4 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000200008> Acesso em março de 2017.

AYALA, Maria Ignez Novaes. Riqueza de pobre. **Literatura e Sociedade**. Revista de teoria literária e literatura comparada. USP, São Paulo; n. 2, 1997. p. 160 - 169.

_____. **Abc, folheto, romance ou verso: a literatura impressa que se quer oral**. Graphos. João Pessoa, Vol. 12, N. 2, Dez./ 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. de Cleonice P. B. Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte, Ed UFMG, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

GRAZIOLI, F. **Teatro infantil: história, leitura e propostas**. Curitiba; positivo, 2015.

JAUSS, Hans Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aistesis e katharsis. In: **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. LIMA, Luiz Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.





VII ENLIJE

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Helder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MONTEIRO, Manuel. **A cigarra e a formiga**. Campina Grande: 3. ed. 2012.

MOURA, Fernanda Chaves Bezerra de. **Brincando com a bicharada**: A leitura de sextilhas e folhetos no Ensino Fundamental I. Campina Grande, 2009. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da UFCG.

PARAÍBA, Secretaria de Estado da Educação e Cultura, Coordenadoria do Ensino Médio. **Referenciais curriculares para o ensino médio da Paraíba**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação Geral) João Pessoa, 2006.

RIBEIRO, Leda Tâmega. **A poesia popular**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1987.

WANDERLEY, Naelza de A. A escrava Isaura: um romance de muitos versos na sala de aula. In: MENDES, Algemira de Macêdo Mendes; COSTA, Maria Edileuza; WANDERLEY, Naelza de Araújo. **Linguagens, literatura e representações**: diálogos possíveis. Campina Grande: EDUFCG, 2017, p. 119 – 138.

